



RECIIS

Revista Eletrônica de Comunicação
Informação & Inovação em Saúde

[www.reciis.cict.fiocruz.br]

ISSN 1981-6278

Resenhas

Anthropos Today: reflections on modern equipment

Paul Rabinow

A machine to make a future: biotech chronicles

Paul Rabinow & Talia Dan-Cohen

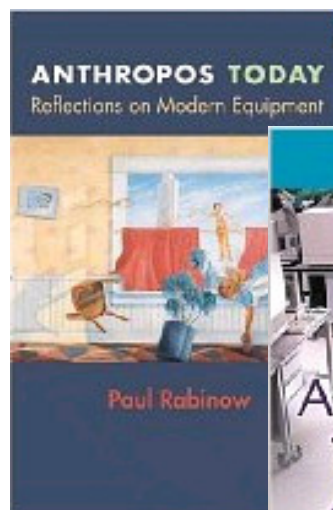
DOI: 10.3395/receis.v3i2.254pt

Messias Basques

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, Brasil
messias.basques@gmail.com

Os dois livros ora resenhados, do antropólogo norte-americano Paul Rabinow, professor da Universidade da Califórnia em Berkeley, tratam de temas afins, de modos diversos. E aqueles que se aventurarem por suas páginas logo perceberão que, se por um lado, **Anthropos Today** (2003) foi concebido como uma coletânea de ensaios que concernem à prática etnográfica e à produção do conhecimento antropológico, **A Machine to Make a Future** (2005) reporta, por sua vez, um experimento etnográfico levado a cabo em co-autoria, tanto no que diz respeito à pesquisa de campo realizada na companhia biotecnológica *Celera Diagnósticos*, quanto à sua conversão em texto, em teoria etnográfica. Sendo assim, nada melhor que lê-los em tomadas de vistas, um em face do outro.

Dos ensaios às crônicas, pode-se notar que há uma questão comum a ambos os livros e que fora (há tempos) muito bem colocada por Robert Musil, autor do belíssimo *O Homem sem Qualidades*, clássico do romance moderno. Musil definia o ensaio como experiência literária que, na seqüência das suas partes, toma uma questão por vários lados, sem a apreender por completo, já que o anseio de abarcar totalidades nos faz perder repentinamente as suas proporções, e nos leva a submeter os problemas às teorias e conceitos. Segundo Rabinow, como os ensaios, as crônicas também são modos de engendrar perguntas;



Princeton
University Press,
New Jersey; 2003

ISBN
978-0691115665



Princeton University
Press, New Jersey; 2006

ISBN
978-0691126142

ainda que aos olhos dos ávidos pelas narrativas históricas, ensaios e crônicas sejam epistemologicamente insatisfatórios e demasiadamente ficcionais.

Os leitores familiarizados com as recentes discussões em antropologia da ciência certamente hão de observar que Paul Rabinow transita e fala a partir de uma margem mais próxima às reflexões da Filosofia e das Artes. E que sua obra tem se caracterizado por um movimento um pouco distinto daquele que passou a ganhar espaço em antropologia, sobretudo, após a década de 1970, quando autores como Roy Wagner (*The Invention of Culture*, 1981 [1975]) procuraram romper o grande divisor epistemológico que supõe ser a reflexão antropológica um privilégio do Ocidente, conferindo protagonismo não só aos atores que (e com os quais) estudamos, mas também às suas falas enquanto enunciados de suas próprias teorias (e não mais como dados “primários” e de menor complexidade), o que vez por outra resulta em certo distanciamento dessa antropologia em face dos escritos filosóficos em prol daquilo que a própria etnografia apreendeu. Rabinow pode ser visto como um autor que se posiciona nesse ínterim, em diálogo com outras áreas de conhecimento, a partir das falas e práticas dos atores com os quais se relacionou em suas etnografias.

Em *Anthropos Today* (2003), Paul Rabinow discorre sobre uma proposição de Michel Foucault a respeito da palavra grega *Paraskeue*, que corresponderia tanto a “equipamento” quanto ao ato de “preparar”. Segundo Foucault, “equipamento é o que se dispõe entre a transformação de logos em ethos” (*apud* RABINOW, 2003). Ou seja, para alçar o conhecimento e suas expressões éticas (e estéticas) seria preciso estabelecer uma mediação, uma preparação capaz de adequar as perguntas aos problemas que se pretende inquirir. Daí em diante, Rabinow evoca outra noção foucauldiana, a de “problematização”: “A problematização elabora as condições em que podem ser dadas possíveis respostas e define os elementos que irão constituir aquilo a que as diferentes soluções tentam responder. Essa elaboração de um dado como uma questão, essa transformação de um conjunto de obstáculos e dificuldades em problemas é o que constitui o ponto de problematização e o trabalho específico do pensamento” (Foucault *apud* Rabinow, P. Política da verdade: entrevista com Michel Foucault, In: *Antropologia da Razão*, Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999: 32).

Rabinow propõe que “equipamento” pode então ser entendido como um arsenal de exercícios discursivos concebidos para se atingir fins práticos e que se convertem, assim, nos meios pelos quais o conhecimento pode se transformar em regime de verdade, ou como prática mediante a qual o *conhecimento de si e dos outros* pode, então, ser religado *ao cuidado de si e aos cuidados dos outros*. Discussão cara a Michel Foucault, e que Rabinow atualiza ao questionar o que define a humanidade atualmente e seus modos de subjetivação correspondentes. Tomando Foucault como seu ponto de partida, o autor dirige uma crítica às noções holistas e culturalistas da antropologia de Clifford Geertz e à crítica resignada que a sociologia

de Max Weber legou às ciências sociais, malgrado o fato de que a atenção weberiana às particularidades dos fenômenos modernos tenha sido um fator importante para o sucesso de suas investigações dos processos históricos que erigiram as sociedades ocidentais.

Tais equipamentos, dirá Rabinow, não são meras abstrações, pois possuem sua própria materialidade, sua consistência (2003, p.10). O que pode ser visto em seu livro *French Modern: norms and forms of the social environment* (1995), quando procurou mostrar que as idéias de certo *plan de ville* contribuíram decisivamente para a constituição de vidas individuais, *un plan de vie*. Ou ainda, noutro texto, intitulado *A modern tour in Brazil* (1992), quando analisou os projetos urbanos das cidades do Rio de Janeiro e Brasília. Tais reflexões reapareceram nos livros *Anthropos Today* (2003) e *Marking Time* (2008) justamente quando o autor discutiu a necessidade de deslocar o pensamento mediante um *olhar adjacente*, numa antropologia do contemporâneo. Adjacente no sentido de que se mantém em estreita proximidade com o seu ‘objeto’, mas num intervalo ou ponto de simetria convertido em espaço de problematização. E talvez por isso Michel Foucault reapareça como figura conceitual das mais interessantes no que diz respeito à antropologia das sociedades ditas “complexas”, ao lado de antropólogos como Louis Dumont, Bruno Latour ou Marilyn Strathern. Isto por que não se trata de decalcar da filosofia reflexões quaisquer, mas tão somente de formular uma alternativa metodológica que seja capaz de apreender potencialidades, multiplicidades, e de criar um espaço de suspensão no qual a reflexão não se coadune ao crivo da dedução, mas antes ao raciocínio indutivo. Dos processos, atores e práticas à teoria.

Passados os capítulos dedicados ao diálogo com Michel Foucault, Max Weber, e as questões de *método e objeto*, chegamos ao capítulo de número quatro. Neste momento, o autor descreve alguns personagens das Artes em momentos em que viveram e produziram na condição de *estrangeiros*. Personagens que, em trânsito e em posição liminar, conseguiram tomar vistas de perto e de longe sobre fenômenos que concerniam à sua época, mas de pontos de vistas que os problematizavam. Um exemplo destes personagens também pode ser encontrado no livro de Marshall Berman (*Tudo que é sólido desmancha no ar*, 1982), na crítica de Charles Baudelaire à modernidade; Rabinow, por sua vez, fala da obra de Marcel Duchamp em suas idas e vindas entre Paris e Munique, e das experimentações de Paul Klee. Os três últimos capítulos tratam da questão da escrita em antropologia, dos modos de apreender e descrever experiências atuais. O que nos remete diretamente ao livro *A Machine to Make a Future* (2005).

Neste livro, Paul Rabinow nos conta que no ano de 1999 as opiniões dos biólogos moleculares eram unânimes quanto à quantidade de genes presentes no genoma humano, e acreditava-se num número próximo a cem mil. Concluído o Projeto Genoma Humano, os mesmos cientistas constataram que tal previsão estava substancialmente equivocada. O anúncio, no ano 2000, de que

existiriam aproximadamente trinta mil genes em nosso DNA surpreendeu a todos. Daí em diante, um intenso debate sobre a significância biológica deste *quantum*, sua definição e o estatuto daquilo que foi denominado “ação gênica” passou a forjar um novo campo de reflexão que acabou por repercutir nas ciências humanas.

Tais desdobramentos foram responsáveis pela articulação de diversas questões, tais como: entendimento dos processos vitais básicos; novas terapias, diagnósticos e tratamentos tornados possíveis; vastas somas de dinheiro que despertaram o interesse de laboratórios farmacêuticos e seus investidores; desenvolvimento de novas tecnologias agregadas; reconfiguração das noções de saúde e doença; dentre tantas outras. Eis que, nos domínios da vida e das ciências a ela devotadas, um futuro até então imprevisível – e restrito às nossas ficções científicas – estava sendo rapidamente construído.

À época, a companhia biotecnológica *Celera Diagnósticos* – situada em Alameda, Califórnia, cujos projetos de pesquisas desenvolvidos ao longo do ano de 2003 são abordados neste livro – apostava que o conhecimento que se tornava acessível graças ao fim do mapeamento do genoma humano poderia ser aplicado no desenvolvimento de poderosos aparatos diagnósticos, os quais corroborariam, por sua vez, a proliferação de saberes sobre a vida humana ao mesmo tempo em que já pareciam projetar as novas aporias que figurariam no horizonte dessa nova onda de desenvolvimentos tecnocientíficos. Aporias que traziam consigo muitas promessas de saúde e terapêuticas revolucionárias, promessas estas de magnitudes tais que colocavam em questão as próprias estratégias e objetivos da companhia *Celera Diagnósticos*.

Paul Rabinow e Talia Dan-Cohen demonstram, assim, que se aprimoramentos, modificações e atualizações realmente foram alcançadas naquele ano, também nos deram mostras de que as iniciativas da *Celera* repousavam na certeza de que era possível criar ‘uma máquina para fazer um futuro’. Segundo os boletins publicados pela *Celera*, a identificação de riscos à saúde mediante testes genéticos, um dos principais aspectos da vida neste futuro antevisto pela técnica, seria não só previsível e reproduzível em largas escalas, mas sobretudo relevante em termos clínicos, assegurando-se ainda o anonimato dos usuários e a ampliação das possibilidades de atendimentos terapêuticos. Para Rabinow & Dan-Cohen, *Celera* é somente um dos muitos exemplos de como companhias biotecnológicas mundo afora estavam (e estão) às voltas com a necessidade de criar máquinas e artefatos tecnocientíficos capazes de produzir nossos futuros sob encomenda, legando às ciências humanas e comitês de ética as possibilidades, cenários e questões deixadas pelo caminho.

Já no início do livro, os autores evocam a idéia de “máquinas de fazer futuros”, de Hans-Jorg Rheinberger. Este historiador das ciências afirmava que: “Sistemas experimentais podem ser vistos como as menores unidades de trabalho que integram uma pesquisa. Como tais, são sistemas de manipulação concebidos para fornecer respostas imprevisíveis a questões que os experimentos seriam

incapazes de formular claramente. Tais dispositivos são máquinas para fazer o futuro. Eles não são apenas instrumentos que geram respostas: sistemas experimentais são veículos para a materialização de questões” (Rheinberger in Rabinow & Dan-Cohen 2005, p.2).

E Rabinow & Dan-Cohen procuraram fazer desses “equipamentos” elementos constitutivos e mediadores de uma narrativa ancorada numa etnografia e numa escrita experimentais, fossem tais “equipamentos” conceitos, pessoas ou parafernália próprias aos modos de produção de conhecimento em laboratório: “Nós estávamos interessados em ver o que aconteceria se nós déssemos – substancialmente – mais espaço narrativo às pessoas e eventos na *Celera Diagnósticos* do que eles usualmente recebiam tanto de jornalistas quanto de cientistas sociais em geral” (2005, p.5).

Por conseguinte, este livro incorpora as questões anteriormente debatidas em *Making PCR* (1996), demonstrando novamente a simpatia de Paul Rabinow pelos escritos de Michel Foucault ao propor que uma descrição – quando bem feita – dispensa explicações e maiores reflexões teóricas. O que pode ser comprovado pelas escassas referências a outros livros e autores, e pelo reduzido número de notas de rodapé; elementos amplamente presentes em dissertações dos mais variados tipos e temáticas no rol das ciências humanas. Todavia, enquanto *Making PCR* fora dedicado ao inquérito dos contextos nos quais as inovações científicas ocorrem, *A Machine to Make a Future* volta-se antes aos processos por meio dos quais tais inovações (ou determinações feitas no interior de sistemas experimentais particulares) são ‘traduzidas’ para outros domínios. E, sendo assim, o objetivo do livro de Rabinow & Dan-Cohen é estabelecer um esclarecimento antropológico a respeito dessas novas maquinarias e dos atores por elas concernidos, aquém e além das bancadas dos recintos laboratoriais.

Já que nos referimos à influência de Michel Foucault nas obras de Paul Rabinow, cabe aqui dizer que neste livro a noção de ‘imperativo descritivo’ está relacionada também a uma preocupação constante com a autoria e a autoridade etnográfica no texto antropológico. Noutras palavras, trata-se de uma alternativa à crítica pós-moderna à prática etnográfica e, ao mesmo tempo, uma aposta na possibilidade de estabelecer relações de outra ordem entre o fazer etnográfico e a produção do conhecimento antropológico. Nas primeiras páginas do livro, Rabinow nos apresenta sua co-autora Talia Dan-Cohen, uma estudante de graduação. E justifica sua participação na pesquisa e na redação do livro ao dizer que buscava nesta co-autoria não só uma alternativa à tradicional figura do “autor”, mas um diálogo entre diferentes perspectivas em campo e, na posterior elaboração do texto, outra modalidade reflexiva na antropologia.

A pesquisa foi feita em nove meses, de janeiro a setembro de 2003. E uma das dimensões do método experimental empregado por Rabinow & Dan-Cohen refere-se justamente à inclusão de outro ‘observador’ no campo etnográfico. Parafraseando Niklas Luhmann (1998), tratava-se de ‘observar os observadores obser-

vando', isto é, fazer da pesquisa etnográfica uma oportunidade para se fazer, também, uma antropologia da própria antropologia. Assim, enquanto Paul Rabinow e seus informantes conversavam a respeito de desenvolvimentos tecnocientíficos e dos projetos da *Celera*, Talia Dan-Cohen os observava. E, segundo os autores, o trabalho analítico sobre os dados coletados, bem como a redação e revisão das diversas versões que o texto aos poucos ganhava, foram tarefas distribuídas igualmente.

Tais esclarecimentos de ordem teórico-metodológica ocupam, assim, as primeiras páginas do livro, seja em sua abertura, seja no primeiro capítulo, onde os autores passam a descrever a história recente da companhia *Celera Diagnósticos*. Já no segundo capítulo, dedicam-se a demonstração dos dois modos pelos quais a companhia buscava explicar suas tecnologias a dois diferentes grupos: 'investidores' e 'antropólogos'; (ao que parece, melhor seria dizer 'leigos' em geral em questões científicas, neste caso representados por Rabinow e Dan-Cohen). E este será o ponto em torno do qual os autores irão desenvolver boa parte de seus argumentos, a saber, a diferença entre essas duas formas de comunicação que opõem cientistas a 'leigos', criando uma assimetria epistemológica que repousa na incontestável *verdade dos fatos*.

O terceiro capítulo versa sobre os gerentes que administram as plataformas de tecnologia, em contraste com o alto escalão de tecnocratas que dirigem companhias como a *Celera*. Esses gerentes são responsáveis pela manipulação das interfaces que tornam possível a relação entre cientistas e máquinas para que possam cumprir as promessas feitas aos investidores. Em suma, são os gerentes-médios que figuram como operários dessa engenharia biotecnológica voltada à produção de máquinas e artefatos, discursos e práticas, fatos e 'verdades'.

O capítulo quatro trata de um tema já debatido por Paul Rabinow em **French DNA: trouble in purgatory** (1999), numa trama que envolve nações, comércio, pacientes e pesquisa genética. Naquela oportunidade, Rabinow investigou uma companhia de biotecnologia americana, Millennium Pharmaceuticals, e o mais avançado laboratório de genética francês, Centro de Estudo do Polimorfismo Humano (CEPH), cuja parceria visava à formulação de um projeto conjunto em torno da descoberta dos genes do diabetes. Ainda que a discussão do caso francês tivesse como cerne a questão da 'biossocialidade', questão que não aparece nos capítulos quatro e cinco de **A Machine to Make a Future**, há nítidas semelhanças entre os dois livros no que tange à análise da confluência entre políticas de saúde, descobertas científicas, interesses financeiros, laboratórios farmacêuticos e toda sorte de atores concernidos. Nos

dois últimos capítulos, os autores retratam os projetos e esforços feitos pelos cientistas no sentido de isolar e aprimorar procedimentos terapêuticos para doenças específicas, e as possibilidades abertas por essas inovações, seja em termos de suas promessas, seja pelas questões éticas e políticas implicadas.

Ao término do livro, o leitor perceberá que em meio às entrevistas, depoimentos, descrições e debates teóricos deste texto 'experimental' em sua etnografia e co-autoria, que foram problematizadas algumas das conseqüências do processo de reconfiguração epistemológica que temos vivido contemporaneamente, no qual se dá a fusão de saúde e identidade, riqueza e soberania, conhecimento e valor. Por conseguinte, estaríamos também às voltas e imbricados com o processo que põe em evidência o modo pelo qual as tecnologias estão nos afetando (social e corporalmente). Em suma, pelo que podemos inferir da obra de Rabinow & Dan-Cohen, estamos sendo confrontados com as seguintes questões: que formas de apropriação da vida pela técnica estão surgindo? Quais práticas lhes são correlatas? Quais direções estão tomando as disputas políticas? Qual o espaço ocupado pela ética atualmente? Estas são questões que senão foram exaustivamente trabalhadas pelos autores, certamente aparecem na sua rica descrição do cotidiano de uma companhia de biotecnologia e seus personagens, alguns dos arautos e protagonistas das promessas e desafios de nossa modernidade.

Ainda que Paul Rabinow tenha publicado alguns trabalhos de caráter eminentemente etnográfico, dentre os quais se destaca **French DNA: trouble in purgatory** (1999), seus últimos livros são, em geral, ensaios sobre a prática antropológica, sobre seus métodos de pesquisa e escrita. Em resenha ao livro **Marking Time: on the anthropology of the contemporary** (2008), publicada na nesta mesma revista, em sua edição de julho-dezembro de 2008, o leitor poderá tomar contato com algumas de suas reflexões mais recentes, as quais ocupam sua agenda de pesquisa desde **Anthropos Today** (2003). Todavia, **A Machine to Make a Future** (2005) dá mostras de que Paul Rabinow consegue, como poucos, produzir e descrever etnografias que conjugam a minúcia dos detalhes à capacidade de articulá-los numa teoria que não os sobredetermina no momento de apreendê-los e narrá-los.

Referências bibliográficas

RABINOW, P. Política da verdade: entrevista com Michel Foucault. In: **Antropologia da razão**, Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999. p.32. 